

### **EGIPTOMANIA NO SÉCULO XIX**

Aline Vieira de Carvalho (Bolsista SAE/UNICAMP) e Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (Orientador), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, UNICAMP

A pesquisa realizada buscou compreender como o Egito foi retratado pelos intelectuais ingleses do século XIX. Três áreas foram enfocadas para tal estudo: acadêmica, política e artística (literatura e pintura). Através de leituras críticas dos discursos do Arqueólogo inglês Sir Flinders Petrie, foi traçado o nascimento da Egiptologia, bem como os vínculos entre o imperialismo e as ciências. Obras de John Stuart Mill embasaram reflexões acerca da política vitoriana, enquanto “Tempos Díficeis”, de Charles Dickens, e retratos de Rebecca Solomon inspiraram investigações sobre o Oriente nas artes. Partindo de leituras e fichamentos das obras, acima citadas, e de outras publicações referentes ao contexto da Inglaterra novecentista. Conclui a existência de “Egitos” diferentes, específicos a cada área da produção humana (inglesa), convergentes em uma crença na inferioridade oriental e na necessidade de intervenção britânica para proporcionar aos “bárbaros nilóticos” o desenvolvimento. Após esta constatação foi possível problematizar a relação entre o círculo intelectual e os diversos setores sociais, almejando-se conhecer o mecanismo de arquitetura, legitimação e popularização de teorias. Saber de fundamental importância para o entendimento da construção de nosso presente. O recorte cronológico justifica-se pela grande euforia, presente em toda a Europa, provocada pelas “Expedições Napolêônicas” (1799) e pela decifração da Pedra de Roseta (1823). Durante todo o século XIX, possuir elementos da cultura egípcia simbolizava *status* e poder. Geograficamente, a Inglaterra destacou-se pela elaboração de teorias arqueológicas inovadoras e impulso expansionista.

Egiptomania - Inglaterra - Século XIX